

O Mocho



Jornal do Agrupamento de Escolas de Canas de Senhorim

Nº 16, Ano X

Março 2012

O nosso campeão!



Prova atrás de prova, o Cristiano Pereira (9ºB) tem-se destacado em quase todas as provas de atletismo em que participa. De vencedor das provas escolares a campeão regional e nacional, o Cristiano já tem no seu currículo um apreciável número de conquistas.

Página 13

Especialista da DECO ensina...

No poupar é que está o ganho!



Página 6



Escola Segura dinamiza ação de prevenção rodoviária. Página 4



Entrevista a Paulo Ribeiro, diretor geral do teatro Viriato. Página 5

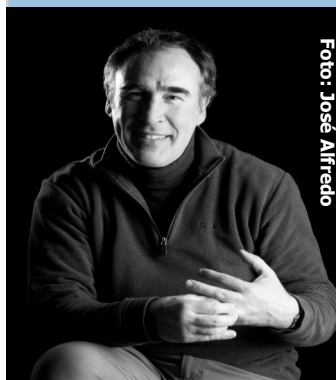


Foto: José Alfredo

«Inocência perdida», por um Grupo de alunos do 11º CPA, na noite da CPCJ de Nelas. Página 7



Uma história
 π itoresca
Pp. 10-11

Editorial

O Agrupamento engalanou-se, mais uma vez para comemorar o Carnaval. Desde os grupos dos mais pequeninos, dos Jardins de Infância, até aos mais velhos, das turmas do secundário, foi um gosto ver os alunos participar com tanto entusiasmo, tanta exuberância, cor e alegria. Também os estabelecimentos particulares, o Girasol e o João de Deus se representaram com grande qualidade neste desfile que foi presenciado por milhares de pessoas - nas instalações da escola sede e ao longo das ruas por onde passou.

De realçar que as turmas dos 2º, 3º ciclo e secundário estiveram representadas de forma massiva, com praticamente a totalidade dos seus alunos. Além disso, os grupos estiveram muito organizados e muito alegres.

Apesar de todos nós - dentro e fora da escola - estarmos já habituados à qualidade deste desfile e desta atividade em geral, ano após ano somos sempre surpreendidos, positivamente, pela alegria, pela cor, pelas ideias e pelo magnífico trabalho que toda a comunidade - educadores, professores, assistentes, alunos e também pais/ encarregados de educação - colocam neste trabalho e nesta magnífica atividade.

Há duas semanas, fomos também surpreendidos com o Camões e o Fernando Pessoa, que em vários locais da Escola, nos iam recitando poesia, lida a partir dos seus "tablets" - era a semana da poesia. A par destes leitores, também muitos outros, desde escritores famosos a Encarregados de Educação dos nossos alunos, foram passando pelas nossas turmas e maravilhando os alunos com as suas leituras, que nos transportam para outros mundos e nos fazem sorrir, meditar, sonhar e crescer... Múltiplas exposições e atividades diversas conviveram com estas leituras, na comemoração da semana da poesia.

Durante esta semana, mais uma vez, a tradicional Feira do Livro, que envolverá todas as turmas, desde o ensino pré-escolar, até aos mais velhos. E olhamos para todas estas atividades e pensamos, com orgulho, não há nada como uma escola viva!

O Diretor
A. Cunha

Educação e cidadania

A última proposta de revisão curricular prevê o fim da formação cívica sob o argumento de que se trata de uma área cujas competências deverão ser desenvolvidas transversalmente, sem que para tal seja necessário um espaço específico no horário.

A formação cívica é uma componente essencial da formação do aluno como pessoa, como tal deveria ser preocupação de qualquer sistema educativo que, além do *saber*, do conhecimento, e do *saber fazer*, deve promover o *saber ser*, a componente atitudinal que, vinculada a padrões valorativos de civilidade, constitui a plataforma a partir da qual se constrói como pessoa, portadora certamente de uma singularidade e autonomia próprias, mas também de uma capacidade de abertura ao outro, de ser de relação que deve reconhecer no outro uma oportunidade de crescimento pessoal, social e moral.

Esta dimensão da pessoa não é teórica, mas prática, isto é, implica atividade, relação, compromisso, responsabilidade, é uma tarefa cuja consecução exige a descentração de si mesmo, dos seus interesses e desejos egoístas, o empenhamento na relação convivencial, que valoriza e que nos valoriza. Neste sentido, a educação para a cidadania é tanto mais premente quanto as sociedades modernas, marcadas pelo culto do imediato, da sobrevalorização dos interesses do *eu*, em detrimento do *nós*, transfor-

maram a relação *eu-nós* numa relação competitiva onde o outro é frequentemente encarado como simples instrumento ao serviço dos interesses mais individualistas.

"Distribuir" a formação cívica pelas diferentes áreas curriculares é pulverizá-la, reduzi-la à menoridade, de tão absorvidas que aquelas estão com o conhecimento ou o saber fazer que os programas impõem.

Pondo de lado as preocupações economicistas, que aparentam ser a motivação principal para a revisão curricular proposta, sobretudo no que diz respeito ao Secundário, haveria que dar aos alunos, no ano terminal da formação secundária, a oportunidade de *aprender a ser* desenvolvendo um projeto cívico - poderia ser essa a designação de uma área curricular não disciplinar cuja introdução aqui se defende - em que o principal interesse seria precisamente a aquisição e o desenvolvimento de competências de participação solidária e de cidadania ativa que só o confronto com a realidade proporcionaria. Os alunos, orientados por um professor, concretizariam um projeto que passasse, sempre, pela intervenção na comunidade, uma espécie de estágio cívico que os iniciasse - seria para muitos deles uma verdadeira iniciação - nas responsabilidades da participação comunitária.

António Jorge Figueiredo



Olimpiadas Nacionais de Filosofia



Olimpiadas Nacionais de Filosofia

Numa iniciativa da Prosofos, em parceria com outras entidades, Portugal realizará pela primeira vez este ano as Olimpíadas de Filosofia.

Cada escola pode inscrever dois alunos que realizarão uma prova - à maneira de um ensaio filosófico - numa escola secundária de Lisboa, a 13 de Abril. Os dois alunos melhor classificados representarão Portugal em Oslo, na Noruega, entre 16 e 20 de maio.

A nossa escola já fez a sua inscrição, sendo representada pelos alunos João Ambrósio e João Santos, ambos do 11º A.

Parlamento dos JOVENS

SECUNDÁRIO

Projeto de Recomendação da escola

Medidas propostas

1. Criação de uma página/perfil/canal, numa rede social, partilhada pela comunidade escolar e outras associações locais, que funcionaria como espaço privilegiado de troca de ideias e de projetos, partilha de preocupações e de desejos comuns. Complementarmente, propõe-se a criação ou revitalização, por parte de várias entidades – autarquias, movimentos cívicos, Assembleia da República através das comissões especializadas, etc – de ligações que permitiriam recolher aquelas ideias ou projetos, preocupações ou desejos, e integrá-los nas suas políticas.

2. Criação de uma rede nacional de procura/oferta de voluntários utilizando como plataforma as redes sociais. Cada interessado, candidato a voluntário ou instituição necessitada de voluntários, inscrever-se-ia numa espécie de

Portal do Voluntariado, amplamente divulgado em todas as redes sociais. Entre os vários domínios de intervenção seria dada particular atenção à promoção da qualidade de vida, ao combate ao isolamento e à solidão dos mais velhos, iniciando-se, mediante, precisamente, o recurso a programas de voluntariado, na utilização da internet e das redes sociais.

Exposição de motivos

Com a primeira medida pretende-se a promoção efetiva da cidadania ativa ao mobilizar-se, através da internet em geral e das redes sociais em particular, a comunidade escolar e local no sentido do conhecimento e partilha de projetos com relevância social (ações solidárias, programas culturais e recreativos de interesse comum, ações de formação e de sensibilização, intervenções na escola e no meio, reivindicações, etc). Desta forma, colocando os vários agentes em rede, incluindo os

decisores políticos (regionais ou nacionais), maximizar-se-iam os contributos de cada um em projetos de interesse coletivo.

Com a segunda medida pretende-se aproveitar as potencialidades das redes sociais para dinamizar uma vertente com inegáveis vantagens no desenvolvimento pessoal e social, especialmente dos jovens: o voluntariado. Pensamos que tudo o que já foi feito e o que está a fazer-se nesta área ainda é pouco para o que poderíamos e deveríamos fazer no sentido de desenvolvermos a consciência solidária. Consideramos que a participação em projetos cívicos de voluntariado é uma condição necessária para a educação integral da pessoa em geral, do jovem em formação em particular. E porque não começar pela solidariedade entre gerações, colocando os jovens a iniciar os mais velhos nestas coisas das redes sociais? Poderia ter, entre outras vantagens, um efeito positivo no combate à solidão...

Sessão Distrital em Vila Nova de Paiva

Chegados à Sessão Distrital, este ano no auditório Carlos Paredes, em Vila Nova de Paiva, os nossos deputados efetivos, André Alves e João Ambrósio, ambos do 11º A, e o suplente João Paiva, do 12º B, também eleito vice-presidente da Mesa, esforçaram-se por defender o nosso Projeto de Recomendação perante os seus pares, representantes de 33 escolas do Distrito (Viseu tem sido, tradicionalmente, dos distritos que mais escolas tem inscrito no projeto).

Pretensiosismos à parte, as nossas medidas eram equilibradas, exequíveis e bem suportadas por argumentos sólidos, razões pelas quais, na altura da votação na generalidade, mereceram o apoio de uma percentagem significativa da assembleia. É verdade que não foram as mais votadas, por isso não serviram de

base à discussão na especialidade, mas reuniram consenso suficiente para nos deixar orgulhosos com o trabalho feito.

A nossa escola também não foi escolhida para passar à fase seguinte, a Sessão Nacional, não que isso se tenha devido à falta de competência do André e do João, claros e consistentes na argumentação, mas porque, pelo menos em algumas das escolas eleitas, as amizades, os “arranjos de bastidores” e o culto de uma certa retórica da imagem por parte de alguns deputados, mais preocupados com artifícios de marketing do que com a persuasão dos seus pares acerca da solidez das suas medidas — talvez porque estavam eles próprios conscientes de que não a tinham —, falaram mais alto.

António Jorge Figueiredo



O João Paiva (12ºB) foi o Vice-Presidente da Mesa, cargo que desempenhou com elevação e competência. Pudera!

Prevenir para não ter de remediar...

Escola Segura promove ação de informação e de sensibilização para os comportamentos de risco na estrada.

A secção de programas especiais da Guarda Nacional Republicana, vulgarmente conhecida por Escola Segura, veio à escola dinamizar uma ação de sensibilização sobre prevenção rodoviária. O tema faz parte do programa de ciências físico-químicas do 9º ano pelo que foram as professoras Gabriela Coelho e Fátima Oliveira que tiveram a iniciativa de organizar a atividade.



Não atravesse a passadeira distraidamente. É obrigatório usares a passadeira se estiver a menos de 50 metros do local de atravessamento.

O tema é tanto mais pertinente quanto os níveis de sinistralidade registados em Portugal, apesar de alguma diminuição verificada nos últimos anos, continuarem a ocupar uma posição cimeira no conjunto dos países da UE. Mais ainda, os comportamentos de risco que potenciam esses números envolvem frequentemente os condutores mais jovens, que veem na moto ou no carro um meio de afirmação. Entre 1986 e 2006 morreram nas estradas portuguesas 39096 pessoas! Mais assombroso é o facto comprovado de que 90 a 95% dos acidentes de que resultaram aquelas

vítimas terem sido provocados por falha humana. É, portanto, ao nível dos comportamentos e das consciências, mormente nos comportamentos e nas consciências dos mais novos, que se deve atuar.

O desafio, o risco, a competição, a superação individual, aliados à ausência de ponderação das consequências, constituem a representação social do jovem condutor, atreito, por todos esses fatores, à assunção de comportamentos inapropriados e potencialmente perigosos na estrada. Neste sentido, os oradores, depois de relevarem um conjunto de dados destinados a avivar a memória do público jovem (ver caixas de destaque), insistiram na necessidade de praticar uma condução defensiva, menos agressiva e promotora de uma maior consciência do outro. Neste particular, alertaram para a necessidade de evitar erros, de proteger das condições adversas



Toma nota:

Embater a 40Km/h equivale a uma queda de um 3º andar, mas embater a 100 à hora equivale a queda de um 13º andar!



destacaram a importância de adaptar a condução às condições do piso -, de proteger das limitações do utente, bem como dos erros dos outros utentes.

Não te esqueças:

Enquanto condutor de uma bicicleta deves cumprir as mesmas regras dos restantes veículos automóveis.

O álcool e as drogas constituem risco acrescido

Não é novidade, mas não é demais lembrar: quando fizeres uma noite, não bebas se vais

conduzir. O limite legal de álcool no sangue é de 0,45 gramas por litro. Os níveis de risco vão, obviamente, aumentando com a gramagem alcoólica: com 0,50g/l aumenta para o dobro, com 0,90 aumenta cinco vezes e com 1,20 – já é crime - aumenta 16 vezes!

Conduzir sob o efeito de drogas de qualquer espécie diminui o campo visual, assim como a resistência à fadiga ou a resposta reflexa, aumenta o tempo de reação, diminui a capacidade de avaliação, torna mais estreito o campo visual, ao mesmo tempo que faz o condutor sentir-se mais eufórico, enfim menos apto para realizar uma condução segura.

António Jorge Figueiredo

A propósito da obra *Vinhas da Ira...*

Uma família camponesa no tempo da Grande Depressão nos EUA

O clássico «Cruise, um camponês em fuga» conta a história de uma família de humildes fazendeiros do Oeste americano, no tempo da Grande Depressão de 1929. Os seus bens eram poucos: uma humilde casa com um barracão, onde guardavam as alfaias agrícolas que usavam para trabalhar as terras em regime de meeiros. De repente, recebem a notícia de que tinham de abandonar as terras, pois iam chegar tratores e máquinas que os donos das terras tinham comprado.

A esposa de Cruise trabalhava na terra, e o seu trabalho já quase não dava para alimentar os seus cinco filhos; Cruise tinha ficado desempregado. Estavam na

miséria, discutindo todos os dias, pois «em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão». Como tantos outros seus vizinhos, juntaram os trapos nuns sacos e partiram para New Jersey, em busca de melhores condições de vida. Não tinham carro nem camião; pegaram nas suas bicicletas, atrelaram-lhes os carrinhos para levarem os cinco filhos e lá partiram.

Pelo caminho, vão-se cruzando com tantas outras famílias que também se encontram em fuga dessa vida precária, seduzidos por promessas de trabalho e de bons salários. Após longos dias, chegam ao seu destino. Contudo, daí a pouco tempo, apercebem-se de que tudo tinha sido ilusório: agora viviam num acampamento de beira de estrada, o salário era uma miséria e trabalhavam até não terem forças. Marido e mulher começam a não se respeitar, atribuindo-se as culpas mutuamente.

Esse brilhante clássico narra aspectos gerais do problema do êxodo rural e



Diante dos cartazes oficiais que proclamavam a ainda famosa prosperidade americana, filas de desempregados mendigavam a comida em organizações de caridade.

analisa a miséria humana de quantos se viram obrigados a fugir do campo em busca de uma vida melhor, saindo frustrados, pois era apenas uma ilusão.

Rafael Loureiro, 10º A

A morar em Canas...

Paulo Ribeiro, Diretor Geral do teatro Viriato, figura marcante na revitalização cultural de Viseu.

Entrevista conduzida por Rafaela Santos, 11º CPA

Breve viagem pela vida e obra do autor

É natural de Lisboa, onde viveu muitos anos.

Antes de se estrear como coreógrafo, foi intérprete de dança em várias companhias europeias. Viveu no Rio de Janeiro, Bruxelas, Paris e Lyon.

Estreou-se como coreógrafo em 1984, pela companhia Stridanse, que o levou à participação em vários concursos, ganhando o 1º prémio de Humor em 1984 e o 2º prémio de Dança Contemporânea em 1985, ambos no Concurso Volinine, em Paris.

Regressou a Portugal em 1988, onde começa a colaborar com a Companhia de Dança de Lisboa e com o Ballet Gulbenkian, do qual foi o último diretor, entre 2003 e 2005.

Em 1996 concorre com um projeto à direção do Teatro Viriato, em Viseu, então objeto de obras de reconstrução, numa ação concertada do ministério da Cultura e da Câmara Municipal de Viseu. Saiu vencedor e ainda hoje se encontra à frente da instituição.

Porque veio viver para Canas?

Canas de Senhorim é o meio mais pequeno onde já vivi, reconhecendo que ficar nesta terra foi uma enorme coincidência. Para isso muito contribuiu o facto de a minha esposa, Leonor Keil, ter aqui antepassados. Por outro lado, na altura, final de 1996, estava a braços com um projeto para o Teatro Viriato, que tinha sido reconstruído e precisava de um diretor de programação. Concorri e ganhei, por isso decidi vir viver para uma localidade próxima daquele que iria ser o meu local de trabalho.

Acha que as pessoas desta pequena população valorizam o mundo das artes?

Gosto imenso de morar em Canas de Senhorim. As pessoas não valorizam muito esta área devido ao desconhecimento que ainda permanece, porém participam em alguns espetáculos pela curiosidade, para se abstrair um pouco do mundo exterior, ou também por lazer.

Antes de ser coreógrafo, foi intérprete de dança. O que o levou a fazer essa opção?

As coisas não se escolhem, descobrem-se. Fui um jovem com um percurso académico normal; entrei no curso superior de psicologia e fui judoca durante dez anos, chegando mesmo a ser campeão nacional. Entretanto, fui descobrindo o sentido que a dança fazia na minha vida, frequentando algumas aulas de dança com uma colega, até que a dança me enfeitiçou e decidi que queria ser intérprete de dança. Ao mesmo tempo, comecei a criar coreografias por brincadeira com os meus colegas em Lyon porque não gostava do meu papel profissional. Essas "brincadeiras" levaram-me a participar no Concurso Volinine, em Paris, onde obtive o 1º prémio de Humor em 1984 e o 2º prémio de

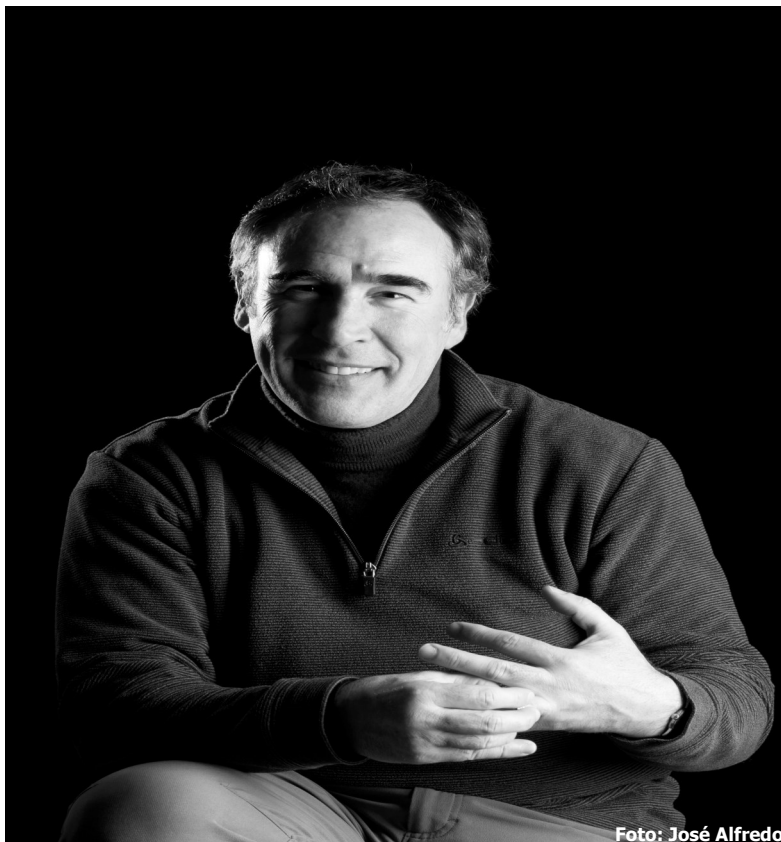


Foto: José Alfredo

Dança Contemporânea em 1985. Assim comecei a ganhar desafios mais importantes como coreógrafo do que como intérprete.

Começou por participar em vários espetáculos para companhias estrangeiras. Era difícil trabalhar como bailarino em Portugal?

Não é um trabalho fácil, tal como qualquer trabalho hoje em dia, pois tudo se torna difícil em Portugal e nada é adquirido; devemos lutar pelo que gostamos até às últimas consequências.

Entretanto afirma-se como coreógrafo fundando a sua própria companhia. O que é ser coreógrafo?

É uma forma de estar na vida. É um desafio constante, onde é necessário superarmos em tudo o que fazemos, pois é um domínio onde a inovação é fundamental.

O que o motiva especialmente no uso que faz das linguagens da arte?

O facto de ser um trabalho onde não existe uma rotina, em que é necessária uma inovação constante, e o facto de ser mais do que uma profissão física, pois envolve um grande nível de conhecimento, cultura geral e uma pesquisa e forma de instrução diferente, torna o trabalho de coreógrafo fascinante. Nenhuma criação é igual, é sempre um desafio novo, tento inovar constantemente para melhorar as minhas obras.

O que o levou a assumir a direção do Teatro Viriato?

A assunção da direção do Teatro Viriato veio na sequência do projeto que criei e com o qual ganhei, em 1996. Na altura, Portugal enfrentava um enorme deserto a nível cultural e artístico, pois todos os eventos se centravam em Lisboa e alguns no Porto, pelo que decidi divulgar esta forma de linguagem no interior do país, através do Teatro Viriato.

Sabemos que o Teatro Viriato, de que é também diretor de programação, desenvolve cursos de formação nas áreas da dança e do teatro. Tem havido recetividade da parte dos jovens de Viseu para as artes do palco?

Sim, é verdade. Houve uma radical mudança neste aspeto, pois as pessoas não estavam curiosas o suficiente em relação a este mundo. Hoje já existe essa curiosidade.

Como persuadia um jovem (ou uma jovem) a enveredar por uma carreira artística nesta área?

O mais importante não é motivar, de fora, um jovem a enveredar por esta ou aquela área; cada um tem de descobrir por si mesmo para que é que tem vocação, para onde o seu talento o dirige.

Como responsável pela programação do Teatro Viriato, sente que há em Viseu, uma cidade do interior, público interessado numa programação cultural, tida por alguns como elitista?

Há realmente público interessado numa programação cultural. Prova disso é a percentagem de espetadores que assistem aos espetáculos: em média 85%!

Dinheiro para que te quero!

Aprender a ser um consumidor informado, consciente e responsável foi o objetivo das comemorações da Semana do Jovem Consumidor, em parceria com a DECO Jovem.

Na semana de 5 a 9 de março, comemorou-se na nossa escola a Semana do Jovem Consumidor. Sendo a Educação do Consumidor uma das vertentes da Educação para a Cidadania, a DECOJovem convidou todos os professores das Escolas DECOJovem a participarem nesta iniciativa.

Na nossa escola, o balanço desta atividade foi positivo. Participaram cerca de 300 alunos dos 2º/3º ciclos e secundário, registando-se a leitura dos textos selecionados pela DECOJovem, ao longo da semana, nas aulas de Formação Cívica; Acompanhamento ao Estudo; Matemática; Português; Inglês; História; Geografia; Ciências da Natureza; Qualidade e Higiene; Economia; Gestão; Área de Integração e Área de Estudo da Comunidade. Foram abordados os temas relacionados com as compras

desnecessárias, o dinheiro eletrónico, o consumo consciente, a gestão do dinheiro e da felicidade e os valores/opções de consumo dos jovens.

Na continuidade desta atividade, comemorou-se o Dia Internacional do Consumidor, no passado dia 15 de março, com uma exposição de trabalhos dos alunos dos Cursos Profissionais de Restauração e de Comércio, na Biblioteca, no

âmbito da Disciplina de Economia, em colaboração com a professora bibliotecária, professora Celeste Sampaio.

Com a participação de todos os alunos dos Cursos Profissionais da nossa escola, realizou-se, nesse dia, pelas 15h30, uma ação de sensibilização subordinada ao tema "Gerir & Poupar". A Dra. Marta Nave, da DECO, referiu que é cada vez mais importante

desenvolver competências financeiras nos jovens, que lhes permitam comportar-se como consumidores responsáveis e informados, capazes de fazer a melhor gestão dos seus recursos financeiros e ter consciência das consequências dos seus atos individuais de consumo. Sendo que o dinheiro mede o valor dos bens e serviços que pretendemos adquirir, definindo o nosso estilo e qualidade de vida, alertou também para o facto da necessidade dos jovens estarem preparados para conhecer o valor do dinheiro; saber como geri-lo de forma a satisfazer as suas necessidades; administrá-lo com inteligência para concretizar os seus sonhos; reconhecer a importância de poupar para o futuro; investir para aumentar os seus rendimentos e ter cuidado com o acesso fácil ao dinheiro.

Célia Sequeira



A Dra. Marta Nave deu uma aula de educação para o consumo a uma plateia de jovens "profissionais".

Apresentação pública do livro "Sou criança, tenho direitos"

Na sequência do tratamento do tema "Os direitos", trabalhado por alunos e educadores nas suas mais diversas vertentes, pretexto para o desenvolvimento de

diversas atividades, os Jardins do Agrupamento aceitaram o desafio lançado pela educadora Dolores de, através da poesia, refletirem sobre os direitos das crianças. O mote inspirador foi o poema "Nós os meninos", da autoria da escritora canense Maria Natália Miranda, que aborda precisamente a necessidade da consciencialização para a defesa dos direitos da crian-

ça. A ideia teve um acolhimento muito favorável por parte da CNPCJR - Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco -, interessada em implicar as escolas no desenvolvimento de estratégias e atividades de sensibilização e de alerta para o problema. O resultado final foi a compilação de um conjunto de poemas e respetivas ilustrações, agora editados em livro, com o patrocínio da Fundação Lapa do Lobo.

A apresentação pública decorreu na biblioteca da

escola sede com a presença dos autores, dos seus encarregados de educação, da representante da delegação de Nelas da CNPCJR, da Fundação patrocinadora do projeto e da Direção do Agrupamento. Foram distribuídos exemplares a todos os alunos, ocasião aproveitada pelo Diretor para relevar a importância do projeto para o desenvolvimento de competências cívicas, especialmente tratando-se de crianças em processo de formação.

Celeste Sampaio



Os pequenos autores deliciados com a sua obra!

Festa da CPCJR (Nelas) contou com a participação de alunos do Profissional de Animação

Ao longo de quatro anos (2007 a 2010), a CPCJR acompanhou 384 crianças previamente sinalizadas, tendo sido detetados como problemas mais frequentes a negligência (44% no grupo etário dos 6 aos 14 anos), os maus tratos físicos e psicológicos - mais notados em crianças dos 0 aos 5 anos - e os comportamentos que colocam a saúde, segurança e desenvolvimento em risco, destacando-se neste item o abandono escolar.

Na sequência dos problemas observados, foi delineado um Plano Local de Proteção dos Direitos da Criança, a implementar durante os próximos quatro anos, que incidirá na melho-

ria das competências parentais, na promoção de estilos de vida saudáveis e da interculturalidade.

Foi este Plano que foi apresentado a 2 de março, em Nelas, com a presença de representantes das várias entidades que direta ou indiretamente colaboram no Projeto.

Do programa do

evento constou também um momento cultural que contou com a participação de um grupo de alunos do nosso Agrupamento, oriundos do curso profissional de animação sociocultural, que representaram a peça "Inocência perdida".

António Jorge Figueiredo



ILUSÕES

Título dado à exposição sobre ilusões óticas da autoria dos alunos de EV do 9º A, orientados pela professora Cláudia Costa

Os alunos do 9º A produziram objetos gráficos tridimensionais em contexto de aula de educação visual. O exercício de design gráfico consistiu na produção de deformações aparentes numa superfície plana, recorrendo a ilusões de ótica. O resultado foi um objeto com uma geometria regular (cubo) cujas faces serviram de suporte a ilusões de ótica criadas pelos alunos. No final, os alunos montaram uma exposição que esteve na biblioteca durante o mês de Janeiro.

Cláudia Costa

Luto pela diferença!

O que é ser diferente? Quando é que a diferença é um obstáculo ou uma desvantagem?, como lidar com a diferença? São questões a que procuraram dar resposta um grupo de alunos do 11º ano do curso profissional de animação sociocultural. Empenhados em contribuir para desfazer alguns preconceitos que teimam em preencher muitas cabeças, puxaram da imaginação e partiram para o terreno, confrontando novos e menos novos com a injustiça e a incongruência das suas ideias feitas.

Conceberam uma campanha que privilegiou o contacto direto com a população, quer através da simulação de situações que levavam os interlocutores a questionarem-se sobre os seus preconceitos, quer através de um conjunto de atividades que visavam a sensibilização da população alvo para a problema: imposição de autocolantes, colocação de uma faixa num jardim público, utilização de indumentárias que simulavam os indivíduos objeto de discriminação. O próprio grupo fez

questão de expor as ideias que queria transmitir, inscrevendo-as nas t-shirts com que se apresentou.

Além de serem eles próprios elucidados sobre o problema, sobre as suas diferentes manifestações e perspetivas com que é encarado, tiveram a oportunidade de desenvolver uma cam-

panha informativa cujo objetivo principal era promover a aceitação da diferença, contribuir para a mudança de ideias e de comportamentos, uns e outros (ainda) muito enraizados.

Mariana, Carina, Rafaela, Rafael, 11ºCPA



Carreiraval 2012





Carnaval 2012

1 Uma breve história do número

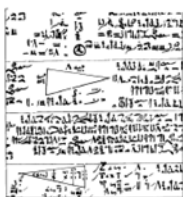
Dia do Pi • 14 de Março



Não se sabe quando foi a primeira vez que alguém notou que, à medida que um círculo se tornava maior, o quociente da medida do seu perímetro pela medida do seu diâmetro se mantinha constante.

Apenas com base na experimentação, os matemáticos das civilizações antigas devem ter observado que a medida do comprimento de um fio enrolado em torno de um cilindro (cujas bases são círculos) equivalia a pouco mais do que o triplo do seu diâmetro.

O mais antigo dos registos conhecidos de π foi escrito por um escriba egípcio de nome *Ahmes*, por volta de 1650 a.C., naquele que ficou conhecido como o *Papiro de Rhind*. O valor de π inscrito neste papiro apresenta um erro muito pequeno relativamente a 3,141592.



As fórmulas do *Papiro de Rhind* são o primeiro registo de uma tentativa de construção geométrica de um quadrado com a mesma área de um círculo, tornando a "quadratura do círculo" num dos problemas matemáticos mais antigos da humanidade.

A primeira tradução e explicação do *Papiro de Rhind* foi realizada em 1877 por *Eisenlohr* na obra "Um manual de Matemática do Antigo Egito".

A atribuição de um nome ou de um símbolo ao número π ocorreu cerca de três mil anos após *Ahmes* ter feito o registo dos seus cálculos no *Papiro de Rhind*.

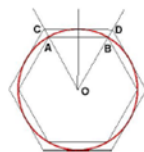
Tudo indica que os egípcios utilizaram o valor de π no cálculo de áreas de terrenos, de modo a reconstruírem os muros destruídos durante as inundações periódicas do rio Nilo. Não há prova de que considerassem que o valor de π era uma constante ou de que tivessem usado um processo teórico para o seu cálculo.

A história evidencia que o valor de π usado pelos egípcios não alastrou a outras civilizações. Mil anos depois, os babilônios e os hebreus ainda usavam 3 para valor aproximado de π .

Os gregos dos sécs. V e IV a.C. não usaram o valor de π para medir terrenos, mas estudaram-no de forma teórica, comparando medidas de áreas de quadrados e medidas de áreas de círculos. O primeiro grego a tentar descobrir a relação entre a medida da área do círculo e a medida da área do quadrado nele inscrito/circunscrito foi *Anaxágoras de Clazomenes* (500–428 a.C.).

Antífono e *Bryson de Heracleia* (contemporâneos de *Sócrates*, 469–399 a.C.), tentaram calcular a medida da área do círculo através do princípio da exaustão. A partir da duplicação sucessiva do número de lados de um hexágono, e do cálculo das áreas dos polígonos

assim obtidos, aproximaram-se do valor da medida da área do círculo.



Círculo inscrito e circunscrito em dois hexágonos

Bryson enquadró o círculo entre dois polígonos – um nele inscrito e outro circunscrito. Concluiu que a medida da área do círculo estava compreendida entre as medidas das áreas desses dois polígonos. Este deve ter sido o primeiro resultado obtido através de um enquadramento entre o máximo e o mínimo de um intervalo.



Ptolomeu e o sistema cosmológico geocêntrico

O astrónomo *Cláudio Ptolomeu* (87–165 d.C.) usou para valor de π o número $3\frac{17}{120}$ (em Alexandria, no Egito). Se se calcular a medida do perímetro de um círculo com 1000 metros de diâmetro, o valor de *Ptolomeu* permite obter um valor do perímetro com apenas sete centímetros e meio de erro.

No auge do seu império, os romanos usaram frequentemente o valor $3\frac{1}{8}$ para π , apesar de sabermos que $3\frac{1}{7}$ era um valor mais próximo, mas que envolvia cálculos mais complicados.

Na China, cerca de 263 d.C., *Liu Hui* publicou um livro em que o valor de π se situava entre 3,141024 e 3,142704.

Para um polígono de 3072 lados, calculou um valor de π aproximadamente igual a 3,1416.



Outros dois matemáticos chineses, pai e filho, *Tsu Ch'ung-chih* e *Tsu Keng-chih*, efetuaram cálculos da medida da área de um polígono de 24 576 lados e deduziram que o valor aproximado de π era de $\frac{355}{113}$, cerca de 3,1415929. Este valor difere muito pouco do valor atualmente aceite para π : 3,14159265...



Na Índia, por volta de 530 d.C., o matemático *Aryabhata* deu a conhecer uma equação que usava o cálculo do perímetro de um polígono de 384 lados, tendo alterado esse valor para o quociente de 62832 por 20000, que é 3,1416.

¹ Texto organizado e adaptado por *Helena Cunha* a partir da obra de *David Blatner* (2001), "O Encanto do π ", Ed. Repliqueção.



No séc. IX, a Matemática e as ciências floresciam nas culturas islâmicas, especialmente no território que corresponde ao atual Iraque, onde vivia e ensinava *Abu Abd-Allah ibn Musa Al-Kwarismi*, um dos maiores matemáticos árabes de sempre.

Nos seus trabalhos, usou para valores de π , $3\frac{1}{7}$, $\sqrt{10}$ e $\frac{62832}{20000}$. Igualmente importante, foi o facto de ter usado numerais indo-árabes, incluindo o zero e a vírgula decimal.

Em 1085, o rei *Afonso VI de Castela* tomou a cidade de Toledo aos mouros e, simultaneamente, uma enorme Biblioteca. Ordenou que fossem traduzidas para latim as obras científicas do árabe, grego e hebreu nela existentes. Também os guerreiros regressados das Cruzadas Cristãs (entre os sécs. XI e XIII) trouxeram consigo livros e ensinamentos na área da Matemática.

No início do séc. XII, o clérigo inglês *Adelardo de Bath* disfarçou-se para poder estudar como muçulmano em Córdoba, na Espanha. Aí descobriu os "*Elementos*" de *Euclides* e o "*Almagesto*" de *Ptolomeu*. Traduziu essas obras para latim, possibilitando a sua leitura aos académicos da Europa Ocidental. Também traduziu trabalhos de *Al-Kwarismi*, introduzindo na Europa o sistema de numeração indo-árabe.

Após vários séculos de comércio entre o Médio Oriente e os países ocidentais, as cidades italianas, em particular a de Veneza, monopolizaram as rotas comerciais no início do segundo milénio da Era Cristã.



Leonardo de Pisa, mais conhecido por *Fibonacci*, era filho de um diplomata italiano em serviço no norte de África. Era muito jovem quando aprendeu as ciências árabes.

Aos trinta e dois anos escreveu o "*Liber Abaci*", que contribuiu para a introdução dos numerais indo-árabes na Europa e para a divulgação da conhecida *Sequência de Fibonacci* que o tornou famoso. Na obra "*Practica geometriae*" (1220), *Fibonacci* calculou para valor aproximado de π , $\frac{864}{275}$.

Apenas no final do séc. XVI se obteve uma nova e significativa evolução no cálculo de um valor aproximado de π . Tal evolução deveu-se ao francês *François Viète*, homem de leis e matemático amador.

Em 1579, *Viète* utilizou o método arquimediano que lhe permitiu enquadrar π entre 3,1415926535 e 3,1415926537. Para obter esse enquadramento, duplicou 16 vezes o número de lados de dois hexágonos (um inscrito e outro circunscrito num único círculo) e calculou os perímetros de polígonos com 393 216 lados.



A importância e inovação do trabalho deste matemático francês foi a de descrever π como um valor resultante de um produto infinito.

Os trezentos anos que separam os finais do Renascimento do início da era vitoriana foram extraordinários para o avanço da Matemática. Foi como uma semente que, após dois mil anos de repouso, encontrou na Europa o ambiente favorável à sua germinação, crescimento e, durante o séc. XIX, ao nascimento de uma flor espantosa.

Em 1621, o matemático holandês *Wilbrod Snell*, determinou para π um valor compreendido entre 3,14022 e 3,14160.



Christiaan Huygens, holandês que cursou advocacia, nasceu em 1629, não estudou Matemática até aos 20 anos. Após essa idade, demonstrou os teoremas enunciados por *Snell* e conseguiu enquadrar π entre 3,1415926533 e 3,1415926538.

Em 1873, *William Shanks*, após muitos anos de cálculos, encontrou **707** algarismos para o valor aproximado de π .

Em 1945, *D.F. Ferguson* descobriu um erro no 527.º algarismo da sequência de *Shanks*, quando calculou os seus primeiros **530** algarismos.

Em 1947, com uma calculadora de secretária, *Ferguson* descobriu **808** algarismos do número π .

No Inverno de 1948, *Levi Smith* e *John Wrench*, encontraram o **milésimo algarismo** do número π .

Há cem anos, os matemáticos não imaginavam que os cálculos pudessem ser efetuados por máquinas eletrónicas à velocidade a que viajam os relâmpagos... No entanto, em meados do séc. XX, surgem os computadores.

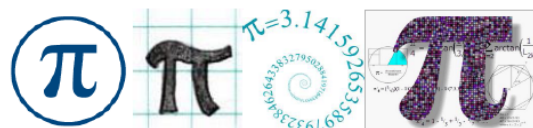
Em 1949, o computador *ENIAC* (*Electronic Numerical Integrator and Computer*), fabricado nos Estados Unidos da América, estava concluído. Foi o primeiro computador eletrónico de grande escala e com ele foram calculados os **2037** primeiros algarismos do número π .

A partir desse momento, as descobertas de novos algarismos sucederam-se rapidamente:

- em 1955, **3089** algarismos (computador NORC – *Naval Ordnance Research Calculator*);
- em 1958, **10 000** algarismos;
- em 1973 descobre-se o **milionésimo algarismo** do número π ;
- em 1982 calculou-se um valor aproximado de π com **8 388 608** de algarismos;
- entre 1988 e 1995 atinge-se uma aproximação de π com **536 milhões** de algarismos;
- em 1997 são calculados **51,5 milhares de milhão de algarismos** do π .

Bom dia do π !

3,1415926535897932384626433832795028841971693993
75105820974944592307816406286...



Sistemas de contagem

Parece remontar aos meados do quinto milênio a.C. um dos primeiros sistemas conhecidos para o controle da circulação de mercadorias posto em execução pelos habitantes da Mesopotâmia.

Eram utilizados pequenos objetos de barro ou de pedra, de formas diversificadas, cada um correspondendo a um número específico de uma mercadoria determinada: assim, o mesmo número de duas mercadorias diferentes seria representado por objetos diferentes.



A separação entre o sistema de contagem e a natureza das mercadorias a contar (o mesmo objeto representar o mesmo número de qualquer mercadoria) evaria cerca de um milênio a surgir.

O processo terá evoluído naturalmente para o início da escrita, por volta de 3500 anos a.C., e está estritamente ligado à criação e representação dos sistemas de numeração.

Os primeiros símbolos usados para representar números terão sido um sinal em forma de **D** para representar a unidade, e um outro de forma circular **O** para representar dez unidades.

Em geral, os sistemas de numeração em uso dependiam do contexto e diferentes bases eram utilizadas nas atividades diárias.

A numeração

Estudos de antropólogos apontam para alterações nas bases de numeração utilizada em diferentes partes do mundo ao longo dos tempos.

África não foge à regra, salientando-se a utilização, por parte de populações que habitam na África Central, de alguns sistemas primitivos de base dois, envolvendo apenas números falados correspondentes aos nossos *um, dois, dois um, dois dois* e *muitos*.

No continente africano, a maioria dos povos utiliza contagens de base dez, por vezes misturada com outra base.

Recorrendo a informações fornecidas pela Etnografia, os números falados utilizados nas numerações de base dez estão, de um modo geral, relacionados com a contagem pelos dez dedos de ambas as mãos bem como a numeração de base vinte estará associada à contagem pelos dedos das mãos e dos pés.

A importância do número na filosofia pitagórica

O modo pitagórico de encarar o universo pode ser resumido na frase **tudo é número**.

Na verdade, a ciência pitagórica era constituída por quatro disciplinas principais: aritmética, geometria, astronomia e música; que não tinham importância dênica. Para *Pitágoras* e os seus seguidores, a chave

Alguns apontamentos da História da Matemática

para a compreensão do mundo era o **número**, o que fazia surgir a **aritmética** como a ciência por excelência.

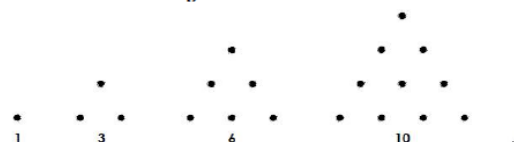
Não foi preservado qualquer documento que testemunhe as primeiras reflexões de caráter aritmético dos pitagóricos. As principais fontes de informação sobre a tradição aritmética da escola de Crotona são *Tratados de divulgação da autoria de filósofos neopitagóricos* que viveram muitos séculos depois, como o *Manual de Harmonia* e a *Introdução Aritmética*, de *Nicomaco de Gerasa* (fim do séc. I d.C.); e a *Exposição Matemática útil para a leitura de Platão*, de *Teão de Esmirna* (primeira metade do séc. II d.C.).

Esses textos revelam um dos aspectos mais curiosos da aritmética pitagórica – o estudo dos **números figurados**. Neste tipo de aritmética, os números são representados por aglomerados de pontos (círculos), cada um representando uma unidade, dispostos segundo padrões geométricos. Trata-se de um tipo de representação que realça a ligação entre as propriedades dos números e as formas geométricas.

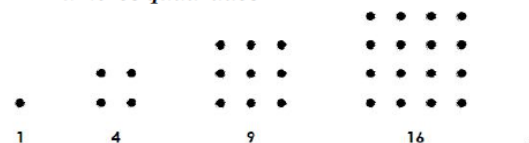
Algumas sucessões de números figurados



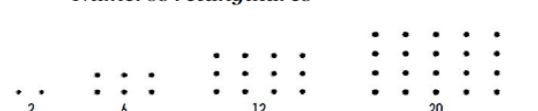
Números triangulares



Números quadrados



Números retangulares

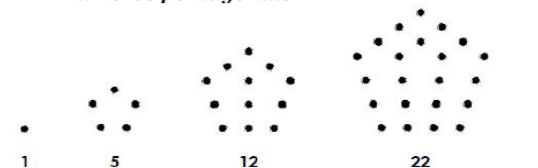


A busca de esquemas retangulares para representar os números terá conduzido ao conceito de **divisibilidade**.

Os **números primos** são os que apenas admitem a representação retangular trivial (todos os pontos dispostos numa fila única). Pelo contrário, os números que admitem uma ou mais representações retangulares não triviais dizem-se **números planos** (mais tarde denominados **números compostos**).



Números pentagonais



In Estrada, M.ª Fernanda et al. (2000). *História da Matemática*. Universidade Aberta. Texto recolhido e organizado por Helena Cunha.

O nosso campeão!

O Cristiano Pereira, aluno do 9º B, tem arrecadado prémios atrás de prémios nas provas em que tem participado. Além dos projetos extracurriculares em que se tem envolvido na escola, sempre de forma empenhada e com resultados meritórios, o Cristiano tem-se desta-

cado no desporto, nomeadamente no atletismo. Nos tempos mais recentes, foi primeiro classificado na fase distrital do corta-mato escolar, em Viseu (no ano anterior já tinha sido quarto). Em Janeiro, havia-se sagrado campeão nacional de juniores (desporto adaptado),

em Braga, correndo pela Casa do Povo de Mangualde. Já em Março, participou com mérito na final nacional do corta-mato escolar, que decorreu em Guimarães.

Alguns dos resultados alcançados pelo Cristiano são tanto mais de relevar quanto foram obtidos em provas que

contaram com a participação de atletas federados, logo com apoios e frequências de treinos que o Cristiano não tem. Mesmo as deslocações aos diversos locais de realização das provas têm sido possíveis graças ao generoso apoio da Fundação Lapa do Lobo.



Campeão distrital de corta-mato, no Fontelo, em Viseu



Foi com esta montagem que o Cristiano obteve uma menção honrosa pela sua participação no IV concurso nacional de pintura, escultura e fotografia para TODOS, organizado pela APEXA.

Boccia

Em janeiro, a nossa escola organizou a 1ª concentração, na qual estiveram presentes outras cinco escolas. A nossa equipa foi constituída pelos alunos Francisco Rodrigues, Francisco Matias, Jessica Guerra, Micaela Guerra, Ana Ventura, Vanessa Guerra, Cristiano Pereira e Vítor Santos. Venceu a equipa representante da APPACDM.

A 2ª Concentração realizou-se em Fevereiro, em Repeses (Viseu), e os nossos atletas ficaram em 4º lugar.



Futsal

Na categoria de infantis masculinos perdemos 4 a 2 em casa com a equipa da Escola Básica de Tondela. Foram convocados o André Couto, o João Abrantes, o Francisco Costa, o Dinis Correia, o Pedro Fernandes, o Gonçalo Póvoas, o Artur Silva, o Mateus Freitas, o Francisco Santos, o João Fernandes, o Francisco Andrade e o André Matias.

Multiatividades

Já em março participámos com três equipas na concentração realizada em Cabanões.

Estiveram presentes os alunos Emanuel Loureiro, Fernando Santos, Marco Santos, Verónica Santos, Carina Fernandes, António Pais, Vítor Santos, Mariana Pais, Francisca Almeida, Samuel Gonçalves, Francisco Pais, Rafael Teixeira, André Teixeira, Diogo Augusto, Joana Gonçalves e Ana Raquel Pereira.

Voleibol

Em Janeiro obtivemos uma excelente vitória (3-0) sobre a equipa representante da Escola Dr. João Lopes Moraes. Voltámos a estar bem contra a Escola D. Luís de Loureiro (Silgueiros) a quem ganhámos por idêntico resultado, proezas que nos valeram o 1º lugar no grupo de apuramento para os campeonatos regionais.

Estão de parabéns, nos inícios femininos, a Beatriz Santos, a Ana Rita Fernandes, a Francisca Rodrigues, a Andreia Correia, a Ana Cláudia Pereira, a Joana Gonçalves, a Magda Disa, a Bruna Moitas (capitã), a Juliana Machado, a Joana Soeiro, a Ana Margarida Gonçalves e a Rafaela Monteiro.



Ciclismo

O Luís Almeida (11º CPA) pratica ciclismo desde muito novo e, escalão a escalão, foi “trepando” até chegar ao convívio com os mais experientes na modalidade. Assinou pelo Mortágua por uma temporada, equipa pela qual já participou na volta ao concelho de Albufeira, seguindo-se a Volta ao Alentejo, onde estarão presentes equipas nacionais e estrangeiras.

O Luís treina-se cerca de 22 horas por semana, cerca de 50 Km por dia!



Poemas criados na classe de espanhol a partir do poema «Yo soy así» da poeta espanhola Gloria Fuertes (1917-1998).

Yo soy así
como me estáis viendo.
Yo soy así,
con nariz pequena,
boca pequena,
ojos pequenos,
pestañas enormes,
pelo largo.
Mi moda es mi moda,
mi guerra es la paz.
Soy más delgado que gordo,
más extrovertido que tímido,
más débil que fuerte por dentro,
mis músculos
mis músculos
más pequeno que grande...
Soy pesado y no lo parece,
soy presumido y sí lo parece,
soy parvo y sí lo parece,
soy tozudo y no lo parece,
soy valiente y sí lo parece,
soy inteligente y no lo parece.
Soy así...
Como me estáis leyendo.

Diogo Dias, 9.º A

Yo soy así
como me estáis viendo.
Yo soy así,
cuando me miro al espejo.

Mi moda está en mi armario,
mi guerra es ayudar a los
inocentes.
Soy más alta que baja,
más extrovertida que tímida,
más cálida que fría.
Mi melena es mediana.

Soy guapa y no lo parece,
soy habladora y sí lo parece,
soy bromista y sí lo parece,
soy mala y no lo parece,
soy feliz y sí lo parece,
soy pesada y no lo parece.

Soy así...
Como me estáis leyendo.

9.º B ¿Quién será?

Yo soy así
como me estáis viendo.

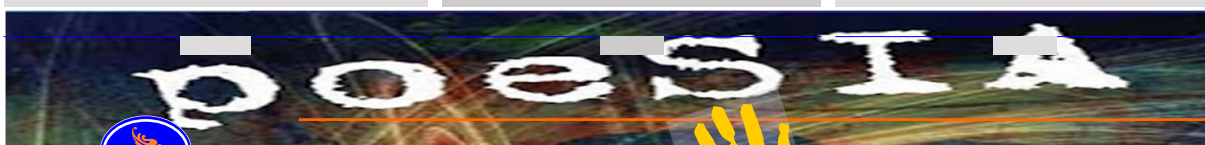
Yo soy así,
no soy gordo,
soy amigo de mis amigos,
mi moda es mi moda,
mi guerra es mi guerra.

Soy más inteligente que mucha
gente,

más tonto que mucha gente.

Soy bajo y sí lo parece,
soy tozudo y sí lo parece...

Fábio Ribeiro, 9.º A



Mar salgado de esperança.
Que água cristalina
Que brilha como um dia-
mante!
Cada onda esconde um
segredo,
Cada mergulho encanta
gente...

Essa areia toda,
Essas gaivotas a voar;
Nada consegue imitar
A imensidão azul do mar.

O horizonte que não tem fim
É onde se cruzam esperan-
ças,
Onde se vivem sonhos,
Onde se encontram amores.

O teu fundo é outra beleza,
Com sereias e certezas,
Com rochas, corais,
Peixes de mil cores.

O mar encanta muitos cora-
ções!

Beatriz Pais, 8.º D

Fusão difusa

no leito do nosso vácuo, a ausência de
partículas é uma mera distância entre
os nossos corpos gelados.
a inércia advém do frio. daquele que nos corre nas arté-
rias e daquele que nos cala as esperas.
corpos parados, entregues ao cosmos, sejam mais do
que esferas consolidadas, mais que céu em ondas rasas.
só eu assisti ao nosso nascimento, como quem abre os
olhos e vê a mais bela aurora boreal.
em tempo zero, soubemos propagarmo-nos como luz,
soubemos ser um nada mergulhado em êxtase.
o espaço começou a ser pele e a pele começou a ser
nossa.
reconheço as formas que adquirimos ao longo desta
metamorfose, não escondendo a angústia ao contornar
os círculos turbulentos que os astros denunciaram.
a velocidade não é um fenómeno, é uma suposição
entre vetores anacrónicos.
a nossa órbita diluiu-se em átomos pouco oxigenados,
tornando-nos seres invisíveis à nossa singela vista,
desarmados ao conflito humano.

Mariana Ambrósio

e quando a realidade não cabe nos olhos?

poderíamos invocar os outros sentidos;
fragmentá-la e seguidamente distribuí-la por
outros compartimentos,
de modo a que nenhum deles ficasse totalmen-
te cheio.

ser cheio dói e torna-nos gavetas vazias.

poderíamos comprimi-la, amarrotá-la e despi-la
da sujidade que é.
porém, o condicional é uma tentativa falhada.
é impossível esquecer a intensidade e a feroci-
dade
com que o real se dilata nas nossas mentes,
ecoando como som de fraca amplitude.

há que tapar o mundo sensitivo.
há que o enterrar num cemitério
pertencente a uma terra
que nunca ninguém descobriu cientemente.

Mariana Ambrósio

DESCOBRIR nesta sopa de letras, em todos os sentidos, 17 palavras relacionadas com a Lua.

I	C	A	R	M	S	T	R	O	N	G	R	Ç	C	H	E	I	A
D	R	U	M	I	X	A	S	T	H	V	S	I	O	U	N	Q	Ç
T	E	J	K	N	Z	E	I	R	D	E	F	A	S	E	S	R	V
A	S	T	R	O	I	R	S	A	Z	V	U	O	M	P	Ç	L	F
I	C	P	L	Ç	N	L	U	N	A	T	I	C	O	L	Q	K	O
P	E	R	T	O	O	D	P	K	F	I	G	K	N	A	S	N	G
Ç	N	Q	I	A	L	U	N	A	R	S	P	N	A	A	U	L	U
L	T	O	P	X	A	I	R	J	Q	H	A	M	U	S	F	D	E
J	E	P	A	J	R	O	T	R	E	D	I	Z	T	F	G	E	T
V	P	Ç	E	H	T	R	J	Z	T	J	S	W	A	P	E	X	A
B	R	A	U	L	Y	B	A	M	I	N	G	U	A	N	T	E	O
N	E	F	Ç	G	J	I	H	X	O	U	R	T	F	V	B	P	L
X	K	O	I	A	S	T	R	O	N	A	U	T	A	X	Z	A	X
Q	O	S	A	R	G	A	V	N	I	E	Y	Z	O	R	T	N	G
A	L	U	A	D	O	N	Q	T	A	Z	C	I	H	A	V	O	N

Armstrong (9) Cosmonauta (10) Lua (3) Astronauta (10) Noite (5) Nova (4) Crescente (9)
Lunático (8) Órbita (6) Minguante (9) Luar (4) Foguetão (8) Astro (5) Alunar (6) Cheia (5)
Aluado (6) Fases (5)

ASSINALA a resposta correta a cada questão.

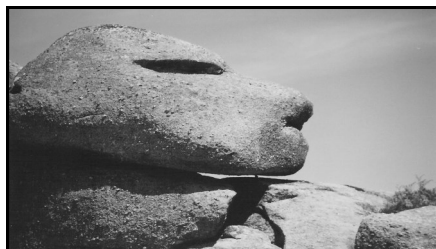
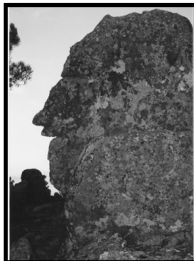
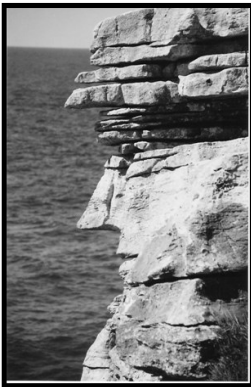
- Em que país europeu se iniciou, no século XVIII, a Revolução Industrial?
Alemanha. Inglaterra. França. Irlanda.
- O Mar Vermelho situa-se entre a Arábia Saudita e o ...
Índia. Irão. Egito. Turquia.
- Qual dos países da U. E. tem como capital Varsóvia?
Hungria. Letónia. República Checa. Polónia.
- Qual destes mares não está situado no mar Mediterrâneo?
Cantábrio. Adriático. Egeu. Tirreno.
- Os países europeus que formam a Península da Escandinávia são a...
Noruega e a Dinamarca. Suécia e a Noruega. Dinamarca e a Finlândia. Finlândia e a Suécia.
- Qual destes rios não é designação de um país?
Senegal. Paraguai. Níger. Indo.
- Qual destes rios europeus passa ao mesmo tempo nas cidades de Viena e Belgrado?
Reno. Danúbio. Ródano. Volga.
- Qual o par de cidades fica a sul de Viseu?
Braga e Viana do Castelo. Évora e Mirandela. Aveiro e Setúbal. Santarém e Portalegre.

FIGURAS DE PEDRA

Popularmente conhecidos por penedos, os blocos rochosos por vezes apresentam formas curiosas resultantes da ação da chuva, do vento, da resistência das rochas, etc., "Fragas da serra, duras testemunhas/ De acusação do tempo", como poetizou Miguel Torga. A erosão é, por excelência, um artista da natureza que expõe as suas esculturas ao ar livre. Eis algumas obras na imensa galeria de arte que é o nosso país.



Onde se localizam?

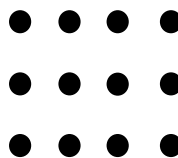
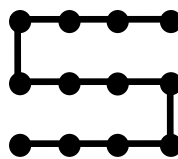


Cabeça da Velha – Tartaruga – Gendarme
Cabeço do Velho – Cão – Faraó.

Professor Augusto Pinto

ADIVINHAS

- São dois irmãos desunidos
na mesma casa a viver;
pois, apesar de vizinhos,
nem sequer se podem ver.
- Desta vida ando cheio,
pois tenho o corpo enrolado,
a cabeça partida ao meio
e ando muito apertado.
- Sem ser nada preguiçosa
quando como estou deitada;
estou deitada quando ando;
deitada quando parada.
- Tenho capa sem ter frio
Tenho folhas, sem ser flor
Falo sem ter língua
Digam quem sou, por favor.
- Eu tenho boca e goela
Mas não para proveito meu
Aquele que de mim se serve
Não come e sempre bebeu.
- Só a faz quem já a tem,
Pois quem a tem, não a faz
Se a tem pode não a fazer
Se a fizer já não a traz.



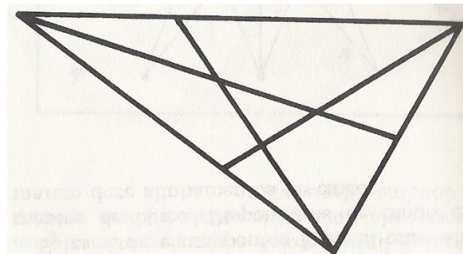
JOGO 1

Os doze pontos acima são percorridos por cinco linhas retas, sem levantar o lápis. É possível outra solução, através de um circuito fechado (as linhas podem cruzar-se):

- traça cinco linhas retas;
- sem levantar o lápis;
- não passar duas vezes pelo mesmo ponto;

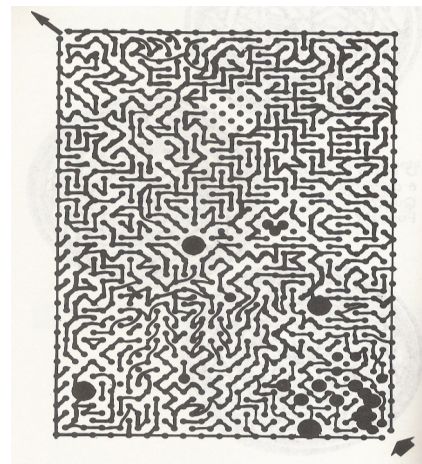
JOGO 2

Quantos triângulos há nesta figura?



JOGO 3

Encontra o caminho para saíres deste circuito eletrónico.



SEMANA DA LEITURA 2012

Livros & chocolate

Motivar para a leitura nem sempre é fácil, sobretudo na era da imagem e do digital. Por isso, há que apelar à imaginação - ou neste caso ao paladar - para pôr os mais novos a ler: adocicou-se a leitura com chocolate com evidentes vantagens para a primeira. Encarnar a personagem principal de uma história foi a melhor forma que alguns alunos encontraram para motivar os seus colegas para a leitura da obra.



Camões e Pessoa andaram a ler por aí....

De *ipad* na mão, O Vasco e o Rafael (10º A) vestiram a pele - perdão, a fatiota! - dos dois poetas portugueses e passearam pela escola alguns dos seus poemas geniais.



À conversa com Ana Sofia Leitão

Mais uma vez a escritora Ana Sofia Leitão disponibilizou-se para explicar aos mais pequenos (alunos do 6º ano) o ofício da escrita. Neste sentido, começou uma história a que os alunos deram sequência. Depois de revisto pela autora, o texto final será publicado num e-book de cada turma.



Quem vem ler?

Tratou-se da repetição de uma atividade que teve alguma projeção no ano anterior, tanto mais que trouxe à escola alguns encarregados de educação, convidados a partilhar o prazer de ler pelos seus educandos e pelos colegas da turma.



D. Quixote com muito humor e fantasia

Os animadores da Câmara Municipal de Nelas levaram ao delírio uma plateia de miúdos do 1º Ciclo e dos Jardins com a adaptação do livro de Alice Vieira "O meu primeiro D. Quixote". Foi rir e chorar por mais...



Representações de escritores contemporâneos portugueses

Foram apresentadas adaptações das peças "As naus de verde pinho" (Manuel Alegre) e "Dentes de rato" (Agustina Bessa-Luís), respetivamente pelos alunos do 5ºB e do 7º A.



Contar e encantar!



O 7º B pegou em vários contos tradicionais portugueses e, de uma forma leve e divertida, encantou o público do 7ºA com a sua moralidade.



A mesma ideia teve o 8º D, desta vez dirigida aos seus colegas do 8º B. Além dos contos, fizeram a leitura expressiva de poemas de autores portugueses.

Um mar de atividades!

O 9º B dinamizou a «Semana do Mar» (12 a 16 de março) integrada no conjunto de atividades com que se candidata às 17ª olimpíadas do ambiente. Em concreto, a atividade inscreve-se na modalidade "Ambiente e Cidadania" e é coordenada pelo professor Virgílio Henriques.

São várias as atividades que preenchem o cartaz das olimpíadas: organização de uma "Semana do Mar" no refeitório (que já decorreu) em que a ementa da semana foi toda ela confeccionada à base de peixe. Enquanto almoçavam, os "convivas" podiam assistir a filmes ou documentários que tinham no mar o seu denominador comum.

Outras rubricas a destacar envolvem a exploração estética do tema, nomeadamente "A música e o

mar" (recolha de músicas cuja letra se inspira no mar), "A pintura e o mar" (exposição de pintura com trabalhos criados na oficina de pintura), "O mar e a poesia" (Pesquisa de poemas onde a alusão ao mar é dominante), "Um mar de livros" (uma atividade integrada na Semana da Leitura que se traduziu na leitura expressiva de obras com referências

ao mar), ou ainda o levantamento de clássicos do cinema português onde o mar também é protagonista.

Outras atividades abordam a temática ambiental (como a palestra dinamizada pelo professor Carlos Ramos sobre o ambiente e o mar) ou a gastronómica (semana do mar nos restaurantes locais).

António Jorge Figueiredo

